

ALBERTO ORTENBLAD

XINGU

O RIO DAS NASCENTES

Copyright © Alberto Ortenblad Filho

Capa e diagramação: Augusto Batista

Capa: Águas do Parque Indígena do Xingu (*Fonte: Mangabay Brasil*).

Contracapa: Pintura corporal xinguana (*Fonte: Rodrigo Petrella*).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ortenblad, Alberto

Xingu : o rio das nascentes / Alberto

Ortenblad. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-11148-3

1. Os rios amazônicos, 2. O Parque Indígena do Xingu,
3. O Xingu, Belo Monte e São Félix, 4. Parques e arquipélagos
no Rio Negro, 5. Ficções, 6. Cavidades nordestinas,
7. Ambientalistas, 8. A domesticação dos animais,
9. Rui Barbosa, 10. Montanhas brasileiras.

24-219758

CDD-918.17

Índices para catálogo sistemático:

1. Xingu : Rio : Região : Aspectos socioambientais 918.17

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Outros livros do autor: Travessia nos caminhos da natureza
Madrugada no rumo do sol
Moraina entre a rocha e o céu
Palmeira a árvore da vida
Arenito a rocha do Brasil
Mosaico em defesa da natureza
Granito do interior da terra à busca do céu
Cerrado a savana brasileira
Horizonte o limite do mundo
Calcário a rocha viva
Ferro a riqueza e a miséria
Caatinga a mata escura
Floresta a sombra da vida
Serra a memória da Terra
Neve o espelho da natureza

Este livro pode ser adquirido no Clube de Autores e, entre outros, nos sites da Amazon, da Apple e da Americanas.

O autor mantém uma coluna no site Alta Montanha.

Alguns dos nomes foram alterados para resguardar a identidade dos personagens.

O e-mail do autor é ortenblad@terra.com.br.

O Xingu

O Xingu não é apenas um gigantesco acidente geográfico e o lar de inúmeras etnias nativas com suas ricas culturas interligadas. É também o local de inacreditáveis violências contra a vida. E motivo do texto abaixo, que pode ser lido como uma apaixonada denúncia ou, inversamente, uma odiosa e exagerada alienação:

O Xingu é um rio peculiar e único. Não dá para compará-lo com qualquer outro rio da Amazônia. Só ele faz aliança com o majestoso Amazonas através de um largo delta. Na foz, suas lindas águas verde-esmeralda se mesclam com as águas barrentas do rio-mar no qual se perde finalmente.(...)

O Xingu é misterioso. Seu nome até hoje não tem explicação etimológica. Alguns estudiosos querem traduzi-lo como (...) *Casa de Deus*, mas não se tem certeza qual seria a verdadeira raiz subjacente a este nome. Suas águas ora são calmas e pacíficas formando extensos lagos, ora furiosas e indômitas quando se estreitam em perigosas cachoeiras. Pode ser que não seja a Casa de Deus, mas é um rio sagrado para os povos que habitam nas suas margens há milhares de anos. (...)

Na realidade, as águas do Xingu deveriam ter a cor do sangue por causa das inúmeras chacinas que se perpetraram ao longo dos séculos passados. A fúria antiindígena assassinou com armas de fogo a índios munidos apenas de arco e flecha e bordunas. Os invasores misturaram nas praças das aldeias com o barro vermelho também o sangue de indefesas mães e mulheres grávidas, jovens e crianças recém-nascidas. (...)

O mundo que se autodenomina de *civilizado* fechou os olhos, mostrou indiferença diante do sangue indígena bradando por justiça, gritando pelo direito de viver, reclamando a pátria que Deus criou para estes povos, defendendo o chão de seus mitos e ritos, chorando a terra onde sepultaram os antepassados. Até hoje o índio é chamado com desprezo de *silvícola*, um termo que insinua tratar-se apenas de algum bípede a mais, sem inteligência e livre arbítrio. Grande parte da sociedade envolvente vê ainda os povos indígenas como uma horda de malfeitores, de agressores hostis, selvagens, traiçoeiros, bárbaros, cruéis, não-confiáveis. (...)

(Em 2008) representantes dos povos indígenas e gente que vive ao longo do Xingu e seus afluentes, gente do campo e da cidade e representantes dos movimentos sociais, se deram mais uma vez as mãos à beira do rio Xingu. Mais uma vez os índios discursaram e dançaram. As mulheres com as crianças entraram n'água para demonstrar como amam o rio e como dependem dele. Acabou o encontro *Xingu Vivo para Sempre* mas não acabou a luta em defesa desse rio maravilhoso e dos povos do Xingu.

Dom Erwin Kräutler, Bispo do Xingu

Os Desenhos dos Galibi

Os Galibi habitam uma TI no bordo litorâneo norte do Amapá. Como eles mesmo dizem, o povo é *misturado e unido*. É misturado por resultar de migrações e fusões de diversas etnias durante séculos, entre a Guiana e Marajó. E é unido por ter mantido sua cultura e seu território. Para afirmar sua identidade, eles se denominam Galibi-Marworno, ao se diferenciarem de outros grupos Galibi próximos.

Eles são apoiados pelo Iepé, uma ONG que procura estimular a cultura, os costumes e a organização sociopolítica dos índios do Planalto das Guianas. Iepé significa amigo ou parceiro. Em 2016, o Iepé colaborou com os Galibi da grande aldeia de Kumarumã num projeto para o levantamento da geografia física, histórica e social do Lago Maruane.

Ele é um importante lugar de referência no território dos Galibi-Marworno. O lago é cercado por mistérios e lendas, que durante o projeto foram apresentados pelos sábios indígenas contadores de histórias aos alunos participantes.

Meio ano após a visita coletiva ao lago, foi realizada uma oficina de desenho, reunindo estudantes, professores e agentes ambientais. Dela resultaram dezenas de imagens, que deram vida às criaturas invisíveis que habitam *o centro das matas e o fundo das águas*. E que recriaram os seres e os locais simbólicos do *espaço vivido* nos mitos e narrativas do povo Galibi.

Os desenhos decoraram as narrativas do livro publicado no ano seguinte pelo Iepé junto com a aldeia de Kumarumã. Ingênuos e expressivos, e por permissão do seu organizador Davi Felisberto, eles agora também embelezam o meu livro.

Sumário

1. Rios Amazônicos	09
2. Belo Xingu	17
3. O Primeiro Parque Indígena.....	31
4. São Félix.....	47
5. Jaú, Maior Parque Fluvial do Brasil	53
6. Os Arquipélagos do Rio Negro.....	65
7. O Lago.....	77
8. Damião	89
9. Aturiá.....	93
10. Cavidades.....	99
11. O Seringueiro – Chico Mendes e os Povos da Floresta.....	109
12. O Guarda Parque – Aldo Leopold e a Ética da Terra.....	123
13. O Cuscuzeiro	131
14. Lendas do Folclore: O Cabeça de Proa	139
15. Lavras: da Bocaina até Carrancas	143
16. Dora e Bruto	151
17. A Domesticação	155
18. O Último Liberal	161
19. Desejo	169
20. A Rica Planície do Cabo Orange	173

1

Rios Amazônicos

*Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa do rio;
onde a lama
começa do rio;*

*onde a terra
começa da lama;
onde o homem
onde a pele
começa da lama;*

*onde começa o
homem naquele
homem.*

João Cabral de Melo Neto,
poeta pernambucano

Quero lhe falar sobre os poucos grandes rios amazônicos que de fato me impressionam. Eles parecem para mim quase sempre monótonos, no seu curso lento, seu aspecto barrento e sua enorme dimensão diluidora. Mas alguns deles são formidáveis. E, de cada um desses, contarei uma história diferente.

O Madeira

É curioso como o Rio Madeira é pouco conhecido, apesar de ser simplesmente o maior e um dos mais especiais afluentes do Amazonas – seu comprimento e sua bacia são aproximadamente o dobro dos demais. Talvez abarque a maior biodiversidade da Amazônia, por conter águas peruanas, bolivianas e brasileiras. É um rio de planície que costuma inundar, criando alagamentos gigantescos por onde fluem os troncos das madeiras que lhe deram o nome.

É nessa condição que o Madeira deixa de ser um rio e vira um canal de navegação. Eu o conheci assim, quando suas águas na delicada cor bege claro formavam uma estranha região aquática que parecia pertencer a um outro mundo. Imenso, raso e parado, colorido em tom pastel e decorado por palmeiras de grandes folhas, era de uma beleza plácida e exótica.

O Madeira, como o Amazonas, é um curso de águas brancas ou barrentas. Suas cheias transportam sedimentos que enriquecem as planícies de inundação, tornando-as especialmente férteis – em plantas, peixes, aves e mamíferos. Suas várzeas são locais privilegiados para a agricultura. Você encontrará uma situação inversa quando conhecer o Rio Negro.



O imenso mundo aquático do Rio Madeira, de uma serena beleza.

O Madeira, agora com duas grandes hidrelétricas e atravessando territórios já colonizados por gado e soja, está passando por perigosas mudanças que devem empobrecer a sua vida exuberante. Mas não é disso que quero lhe falar, e sim de uma situação por certo impensável – a de que o Brasil seria uma ilha.

A ideia não é tão absurda como parece: imaginava-se antigamente que houvesse um arco fluvial ligando os cursos dos Rios Paraná e seu afluente Paraguai com os do Madeira e do Amazonas. E, de fato, os altos cursos do Paraguai e do Guaporé (um dos formadores do Madeira) quase chegam a se tocar – o que conectaria as duas grandes bacias continentais. Note que ambas deságuam a sul e a norte no mar, como ocorreria no caso de uma ilha marítima.

E não é que isso acontece? Diz Kevin Damásio que *em anos de cheias extremas, o rio Guaporé, que desemboca no Mamoré, pode emendar com a bacia do Paraguai, na porção do Centro-Oeste do Brasil, transformando-se em uma ligação ativa entre as espécies da Amazônia e do Pantanal.*

Em algum ponto desse mar fluvial haverá um filete d'água que fluirá através da bacia do Madeira para a Amazônia, encontrando o Atlântico a norte. E haverá outro que descerá pela bacia do Prata para chegar ao Atlântico sul. Nesse momento, o Brasil se transformará sem que saibamos numa ilha gigantesca.



Na cartografia de João Teixeira Albernaz de 1640, o Brasil é visto como uma ilha, pois as bacias do Prata e do Amazonas se comunicam.

O Tapajós

Diferentemente do Madeira, que nasce na Bolívia como Rio Beni, o Tapajós não possui uma nascente. Ele é formado pelo encontro do Juruena com o São Manuel e pouco percorre o Mato Grosso onde começa, sendo essencialmente um curso paraense. É gigantesco, mas é curto, sua extensão sendo metade da do Madeira.

E é também um rio lindo, pois suas águas têm vida e têm cor. Sua profundidade parece insondável e ele se move como se fosse um corpo submerso, como se algo do seu interior sempre quisesse emergir. Como um antigo rio encaixado de planície, suas águas não carregam sedimentos, sendo esverdeadas, cristalinas ou azuladas como nenhuma das outras que conheço na Amazônia.

Cruzar o Tapajós pode ser uma aventura arriscada: no seu trecho baixo com largura além de dez km, levei quase quatro horas na incômoda companhia de ondas de até dois metros. No mar, acreditamos que elas têm o destino de aportarem na praia, mas nesse caso elas pareciam

vagar por vontade própria. É um rio muscular, perigoso e sedutor, como são as suas marés, as suas florestas e as suas praias.



O Tapajós banha florestas de grandes árvores e praias paradisíacas, como a aqui mostrada. A mais famosa delas é Alter do Chão (*Fonte – Ricardo Siqueira/Argosfoto*).

O Tapajós tem até hoje escapado de doar suas águas para projetos hidrelétricos, mantendo-se como um curso limpo, com poucas cidades e com atividades próximas. A foz no Encontro das Águas à frente de Santarém forma um belo contraste entre os cursos claro e escuro do Amazonas e do Tapajós.

Mas o Tapajós está aos poucos sofrendo os efeitos do garimpo na sua bacia. Mesmo a 500 km de distância, essa atividade criminoso em Jacareacanga começa a contaminar e descolorir o seu curso. Talvez no futuro as águas dos dois grandes rios se encontrem em segredo, sem que sua coloração não mais permita distingui-las.

O Negro

Se o Madeira é o maior afluente amazônico do sul, o Negro é o gigante ao norte. É só após a sua confluência que o Solimões passa a se chamar Amazonas. O encontro das duas águas de coloração distinta em Manaus é ainda mais longo e impressionante do que o do Tapajós. Isto se deve ao surpreendente colorido escuro das águas do Rio Negro, que levou séculos para ser finalmente compreendido.

Formam-se talvez dois milhares de ilhas na mais branca areia, que compõem os maiores arquipélagos fluviais do mundo, Mariuá e Anavilhanas, dos quais falarei em outro momento. Ou, inversamente, as ilhas podem submergir nas cheias, mostrando apenas as copas das árvores ou, nas secas, as antigas rochas do embasamento cristalino podem então aparecer, formando corredeiras no curso alto do rio.

Este rio tão diferente percorre a remota e acidentada região da Cabeça de Cachorro. É nela que ocorre uma enorme concentração de mais de vinte etnias indígenas, dispersas por 750 aldeias. A mais populosa delas abriga os yanomami, cujo território é o maior do Brasil. Mas há também duas tribos importantes, os baniwa e os tukano. Além entre outros dos baré, desana e taiwano – e, já no trecho baixo, os arredios waimiri-atroari.

É uma vida conflituosa e difícil, com enormes distâncias de transporte precário, poucos solos férteis disponíveis, águas povoadas por peixes pequenos e presença tóxica de grileiros e garimpeiros – e também contrabandistas e guerrilheiros.

A capital da Cabeça de Cachorro é a vila de São Gabriel da Cachoeira, porta de entrada para o Pico da Neblina, nossa mais alta montanha. É um vasto mundo móvel feito de expectativas, com perigo e violência, com beleza, sofrimento e recompensa. Por duas vezes o frequentei junto com antigos companheiros e posso dizer que carrego até hoje uma parte dele comigo.

O Oiapoque

Mas não há que eu conheça rio amazônico mais estupendo do que o Oiapoque – com a possível exceção do Jari, onde nunca estive. Ele é um curso ao mesmo tempo periférico e estratégico, por se situar no nosso limite norte no Amapá, junto às Guianas, em especial a francesa. Forma uma bacia isolada, que corre diretamente para o mar.

A França sempre teve ambições na região, principalmente a partir da descoberta do ouro séculos atrás. Depois de invasões e guerras, o Brasil manteve para si o Amapá, por um tratado do primeiro ano do século XX. Mas a França continua lá, assentada do outro lado do rio, nas vilas de Saint Georges e Camopi.

Além do ouro, foram a madeira, a castanha e a borracha que motivaram as migrações para essa região. Crioulos residentes, quilombolas fugidos, nordestinos e caboclos, junto com militares dos dois lados, vieram pelo norte francês e pelo sul brasileiro e desalojaram os índios aruak, palikor e galibi para viver do extrativismo, do soldo e do garimpo.



As ilhas rochosas no leito do Oiapoque, próximo à formação que o divide ao meio.

Existe à volta do Oiapoque um enorme cinturão de áreas de preservação e terras indígenas – um dos maiores mosaicos de conservação do mundo, numa extensão grandemente contínua. Também o bordo francês abriga uma enorme reserva amazônica. Nosso maior PN, o Tumucumaque, tem no rio o seu limite. Um dia mencionei que este é um oásis verde ainda escasso de homens e abundante de natureza.

O Oiapoque é um curso de porte médio, algo como um sexto ou menos dos grandes rios que mencionei acima. Depois da ilha rochosa que o divide ao meio, próximo das vilas de acesso, ele se torna um curso rápido e encachoeirado. As suas são águas limpas e ágeis, circulando à volta de pequenas formações rochosas. Essas ilhotas têm uma gentil coloração creme e hospedam flores de belas espigas rosas.

A largura do Oiapoque é de centenas de metros e não de dezenas de quilômetros. Isto permite que naveguemos sempre próximos das suas margens, para encontrar o exuberante dossel da floresta amazônica, com altas árvores e palmeiras, que parecem tocar o céu.

Um dia, cheguei ao último povoado brasileiro nas suas margens, e assisti ao estupendo pôr do sol na Vila Brasil. Fiquei pensando se não valeria a aventura de dois dias mais até alcançar os chamados Três Saltos, perto de suas nascentes. Mas retornei sem conhecê-las.



A Vila Brasil, onde o Brasil acaba (Foto de Luciano Candisani).

Não foi fácil, entretanto, deixar esse lugar fascinante, com uma aura de perigo e aventura envolvendo suas pessoas errantes e suspeitas, de origens misturadas, de ocupações incertas e de expedientes ligeiros. Pessoas talvez parecidas com as águas ariscas do Oiapoque.

O Xingu

Depois de mais de vinte anos transcorridos desde a minha primeira visita à Amazônia, jamais havia conhecido um de seus maiores rios – o Xingu. É sobre ele que passo a falar a seguir, pois esse é o título deste livro, e o Xingu merece que dele eu conte bem mais.



2

Belo Xingu

A liberdade total dos lobos é a morte dos cordeiros.

Isaiah Berlin, filósofo social

A tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da tolerância. Se estendermos a tolerância ilimitada mesmo aos intolerantes, e se não estivermos preparados para defender a sociedade tolerante do assalto da intolerância, então os tolerantes serão destruídos e a tolerância com eles. Devemos então reservar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar o intolerante.

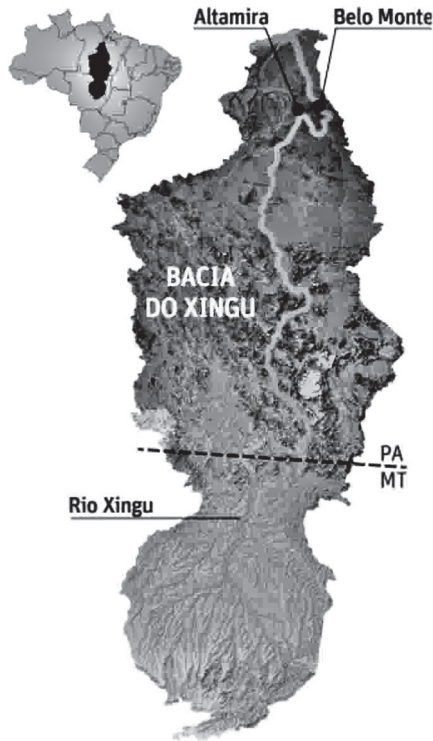
Karl Popper, filósofo da ciência

Neste capítulo sobre o quase mítico Xingu, começo com certa segurança pela inocência da geografia, abordo com surpresa as complicadas realidades da engenharia e termino perplexo com os desafios sociais e ambientais, nesse cruel embate do homem com a natureza e consigo mesmo.

As Nascentes

Se você reparar no relevo do Brasil Central, notará que existem duas serras que se faceiam, ambas no seu rumo norte, a pequena Formosa e o grande Roncador. Da primeira desce a oeste o Rio Ferro, do segundo a leste o Coluene e, do sul, aparece o Batovi. Dos três, o mais importante é o segundo, um rio longo e barrento, com muitos afluentes.

O Xingu não tem nascente própria, pois é formado no Mato Grosso pela junção do Coluene com o Sete de Setembro. Mas esta afirmação talvez seja discutível, pois há pelo menos quatro outros rios que constam também como formadores. Existe uma razão para isto: a densa rede de drenagem local, com os muitos cursos se juntando e formando outros.



O Xingu atravessa no seu rumo norte o MT e o PA. Note a espessa rede de drenagem na sua cabeceira. E veja como a vegetação evolui do cerrado ao sul para a floresta ao norte.

É impressionante como o Guaporé (afluente do Madeira) e o Cuiabá (tributário do Paraguai), pertencentes a duas grandes bacias diferentes, nasçam nesse espaço. Os cursos formadores do Tapajós e do Araguaia, as duas bacias amazônicas de cada lado, também percorrem o sul dessa região.

(Só um parêntese: a nação tupi-guarani aproveitou a localização dessas bacias para se espalhar pelo Brasil, a partir de sua provável origem no interior de Rondônia três mil anos atrás. Descendo rio abaixo durante séculos o Madeira rumo norte, alcançaram o Amazonas e, dali, o litoral norte do país, que vieram percorrendo e ocupando até o sul. Por outro lado, via o Rio Guaporé, ao longo dos tempos chegaram rumo sul ao Pantanal e ao Prata, atingindo a Argentina e o Paraguai, subindo então o nosso litoral.

O escritor Reinaldo Lopes conta que essas duas vertentes indígenas se encontraram finalmente nos arredores da vila histórica de Cananeia.)

Como se houvesse nesse interior um umbigo geográfico, talvez na Chapada dos Parecis, de onde as águas fluíam para o sul e para o norte – eu digo que é lá onde fica a *nascente do Brasil*. É logo a leste, nesse rude mundo de arenito e de cerrado, com um calor forte e úmido, que surge o Xingu, um dos mais emblemáticos rios brasileiros.

O Alto Xingu

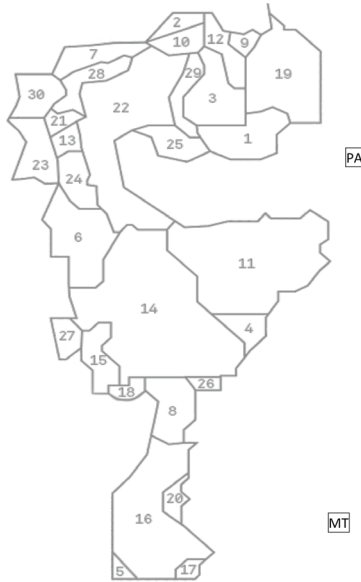
À medida que o Xingu avança, logo ao norte aparecem dois importantes tributários iniciais, o ameaçado e poluído Tanguro e o escuro e preservado Ronuro. E, depois, o jovem Xingu recebe de cada lado as bacias do Manissauá-Miçu e do Suiá-Miçu, que contam com uma incrível malha de pequenos afluentes (veja no mapa acima). Foi neste lugar fundada uma das maiores fazendas de gado do mundo, quando a ocupação do nosso território avançava pelo Centro-Oeste.

As serras que definem o espaço das nascentes são baixas, não causando o carreamento de sólidos que ocorre nos rios amazônicos de águas brancas. Ou seja, o Xingu é como o Tapajós, formado por águas limpas e claras. Aliás, esse é o significado de seu nome. Até aqui, ele não é um rio em geral rápido, até mesmo por já ser grande – quero dizer, como o São Francisco, ele já nasce pronto.

Nesses 150 km iniciais, o Xingu atravessa o Parque Indígena do Xingu, a primeira reserva indígena brasileira, existente há mais de sessenta anos. Então, fora do Parque, encontra a TI Jarina e conhece a sua primeira ponte, que leva a São José do Xingu. Mas, até agora, o Xingu é puramente indígena, pois nenhuma cidade foi ainda fundada em suas margens. Após 500 km, ele já é um rio de porte, quando acaba o seu trecho alto.

O Médio Xingu

A primeira das cidades no Xingu pertence a seu curso médio, já no Pará – é São Felix, aonde chega depois de corredeiras caudalosas no limite do imenso território caiapó, que ele contorna por 100 km. A cidade teve uma origem discreta e cresceu devido à lavoura e à seringueira, até se emancipar meio século atrás. Depois, a pecuária ocupou a floresta e se tornou sua maior riqueza.



O território indígena do Xingu vai do norte do MT ao centro do PA. São quase mil km de sul a norte.

Mapa simplificado das áreas protegidas da Bacia do Xingu. As trinta reservas são principalmente terras indígenas, em especial os dez milhões de hectares das TIs caiapós (6, 11 e 14) e os quase três milhões de hectares do Parque Indígena do Xingu (16). O total é de 28 milhões de hectares. Esse território se estende desde o Rio Culuene ao sul até a foz do Iriri ao norte, numa extensão de 860 km (estimativa minha). A fonte é o ISA – Instituto SócioAmbiental.

Neste local, o Xingu incorpora o volumoso Rio Fresco, sobre o qual você voltará a ler. Continua descendo por uma região como sempre pouco habitada, tornando-se cada vez mais largo, com muitas ilhas, bancos de areia e corredeiras. Esse é um Xingu inquieto, diferente do inicial.

Recebe então seu maior afluente, o encachoeirado Iriri, um cênico rio rochoso, limpo e piscoso que nasce na Serra do Cachimbo e atravessa territórios indígenas, em especial dos caiapós, em todo o seu curso. Entre esses dois rios, existe a violenta Terra do Meio, da qual falarei em seguida. A foz do Iriri ocorre na Cachoeira do Espelho, que é na realidade uma larga corredeira. Termina aqui o enorme território indígena do Xingu, com quase 30 milhões de hectares e dezenas de diferentes etnias. É aqui também que se encerra o trecho médio, o maior deles, com cerca de 900 km.